

# **A centenária**

## **Academia Cearense de Letras**

*Dolores Aquino*

Dois grandes acontecimentos de real valor no campo da literatura moveram dois países que se tornaram “irmãos” até mesmo no idioma: Brasil e Portugal. Reportamo-nos ao ano de 1894. No Brasil, o Estado do Ceará tornou-se precursor com a fundação da Academia Cearense (depois, Academia Cearense de Letras); em Portugal, na cidade de Vila Viçosa, nascia a Florbela D’Alma da Conceição Espanca, jovem escritora que antecipou na poesia lusa a emancipação literária da mulher portuguesa.

O Ceará tem a subida honra de ser o primeiro em fatos históricos e heróicos neste nosso imenso Brasil.

No nosso Estado nasceu o criador da poesia popular do Brasil - Juvenal Galeno; orgulhamo-nos do herói, lutador, o grande imortal - general Sampaio - patrono da infantaria do Exército brasileiro; e, com muito orgulho, fomos o primeiro Estado a libertar os escravos no Brasil (Redenção-CE, 1884); somos ainda a terra que embalou a grande escritora Rachel de Queiroz, primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. O Ceará mais uma vez se destaca em feitos culturais e histórico.

Mas voltemos às primeiras linhas. A Academia Cearense foi fundada, neta capital, aos 15 de agosto de 1894, sendo composta por 28 consócios. Em 1922, apenas oito estavam presentes. A Academia foi praticamente desativada e sua revista deixou de circular. Justiniano de Serpa governava o Ceará quando resolveu reorganizá-la com a nova denominação - Academia Cearense de Letras, elevando o número de sócios para quarenta.

Pelo estímulo e dedicação à Academia, Justiniano de Serpa tornou-se presidente de honra desse sodalício até seu desaparecimento em 1º. de maio de 1923. A morte de Justiniano trouxe profunda consternação à literatura cearense. A Academia recuou

mais uma vez até chegar, em 1930, Matos Peixoto, então presidente do Estado, que cuidou logo de refundir a sociedade. Nesse mesmo ano, ingressa a primeira mulher na Academia Cearense de Letras - Alba Valdez.

Ao completar 100 anos de existência, a Academia acolheu carinhosamente a sexta dama eleita, triunfalmente, nossa querida escritora Rachel de Queiroz, para ocupar a vaga do saudoso Moreira Campos.

Na literatura portuguesa, referimo-nos a uma escritora de personalidade forte, autêntica; fisionomia angelical, olhos silentes e profundos, revelando clara solidão: Florbela D'Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa, Portugal, em 8 de dezembro de 1894, fruto de uma ligação adulterina do pai José Maria Espanca com uma criada de servir, Antônia da Conceição Lobo, com quem teve dois filhos, Florbela e Apeles.

Curiosamente, a esposa de José Maria Espanca seria a madrinha de Florbela, pois a trouxe para casa com poucos meses de idade, criando-a e educando-a numa direção que ela queria desenvolver, sua paixão pelas letras e, sobretudo, a poesia, e iria torná-la uma das mais notáveis personalidades líricas isoladas da poesia portuguesa. Seus sonetos parnasianos têm a exaltada sinceridade de uma confissão autêntica. Além da poesia, escreveu contos.

Em vida, Florbela Espanca publicou *Livro de Mágoas* (1919), e *Livro de Soror Saudade* (1923). Mas foi a publicação de *Charneca em Flor* (1930) que mais atraiu atenção para a sua obra, cujo acento erótico não tinha precedentes na poesia lusa, antecipando a emancipação literária da mulher portuguesa. Florbela deixou escrito também um conjunto de sonetos inéditos - "Relíquias" e dois livros de contos: *As Máscaras do Destino* e *O Dominó*. Todas estas obras foram publicadas após sua morte. As edições são de 1931. Florbela chegou a estudar direito em Lisboa. Perdeu muito cedo seu único e querido irmão - Apeles Espanca, piloto-aviador, que sofreu trágico acidente aos 19 anos. Florbela Espanca suicidou-se aos 36 anos de idade, em 7 de dezembro de 1930, tendo sido sepultada no dia do seu nascimento - 8 de dezembro.

Desígnio do destino. A fundação da Academia Cearense de Letras ocorreu no mesmo ano de nascimento da grande escritora Florbela Espanca, 1894.

Dos belos sonetos de Florbela, um deles, intitulado – “Fanatismo”, tem na partitura a marca do talentoso cantor cearense Raimundo Fagner. O filho de Orós ao musicar, em 1981, os lindos versos e procurou homenagear essa extraordinária mulher, com seu marcante sucesso, transformado em música.

A Academia Cearense de Letras funciona desde 1989, em sede própria, no Palácio da Luz, sede antiga do governo do Estado, em doação feita pelo então governador Tasso Jereissati.

Parabenizamos com o coração em festa os acadêmicos atuais pela marcante data centenária da Academia, destacando o ilustre presidente, escritor Artur Eduardo Benevides, nosso poeta maior, o príncipe dos poetas cearenses. Por grandes méritos, conseguiu, em 1985, o título maior de nossa poesia.